



HISTORIAS DE CEG

Manual do professor

RIO DE JANEIRO | 1ª EDIÇÃO



© Marcos Lima, 2020
© Oficina Raquel, 2020

EDITORA

Raquel Menezes

Jorge Marques

ASSISTENTE EDITORIAL

Mario Felix

CAPA

Marcel Lopes

ILUSTRAÇÕES

Shutterstock

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Julio Baptista

REVISÃO

Ana Mathias de Paiva e Luis Maffei

PARATEXTO

AUTORIA

Ana Paula Mathias de Paiva

VIDEOTUTORIAL

NARRAÇÃO E ROTEIRO

Mariana Vilhena

PRODUÇÃO

Raphael Azevedo Silva

MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA

Ana Paula Mathias de Paiva

DIAGRAMAÇÃO

Daniella Riet

REVISÃO

Mario Felix

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Lima, Marcos.

Histórias de cego : manual do professor / Marcos
Lima. – 1. ed. Rio de Janeiro : Oficina Raquel, 2021.

152 p. ; 20,5 cm.

ISBN 978-65-86280-64-7

1. Crônicas brasileiras I. Título.

CDD B869.8

CDU 821.134.3(81)-32

Bibliotecária: Ana Paula Oliveira Jacques / CRB-7 6963



Rua Pedro Primeiro, nº 7, Centro
Rio de Janeiro (RJ), CEP 20060-050



CARO LEITOR, CARA LEITORA,

De acordo com os dados mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há no país 6,5 milhões de pessoas com deficiência visual. Esse é um número bastante significativo! Você se relaciona com algum desses indivíduos? Tem algum parente, amigo, vizinho, conhecido ou você próprio é uma das pessoas que compõem a estatística acima mencionada? Seja qual for a sua resposta, é certo que os números frios são importantes de serem exibidos, em função das políticas públicas necessárias para o atendimento dessa parcela da população. Porém tão importante quanto isso talvez seja encarar os cegos e portadores de baixa visão como indivíduos com aspirações e anseios próprios. Sendo assim, sua condição não os iguala: nem todos os portadores de deficiência são iguais, assim como as mulheres não são todas iguais nem as pessoas de cabelo louro são iguais.

Em *Histórias de Cego*, Marcos Lima apresenta ao leitor um delicioso livro de crônicas no qual mostra a complexidade de experiências vividas enquanto portador de deficiência visual. Com o talento nato de contador de histórias, ele relata situações diversas que revelam como é ser cego na sociedade contemporânea. Os fatos, porém, são filtrados pela subjetividade do narrador. Dessa forma, instaura-se a categoria do literário.

O livro não é um mero desfiar de “causos”, mas sim a construção de uma *persona* marcada pela condição de deficiente visual.

Cronistas fundamentais da Literatura Brasileira, como Fernando Sabino, tinham como marca de sua escrita características tais como leveza, sensibilidade e graça. Marcos Lima é herdeiro dessa melhor estirpe. Textos como “As dez melhores coisas de ser cego” ou “Como o cego vê o mundo” vão atrair sua atenção de imediato, mas certamente surpreenderão você por apresentarem situações que exemplificam como pode ser aprimorada a empatia pelos portadores de deficiência visual. Não se engane, porém: este livro não é um manual de “boas maneiras” para tratar um cego nem um desfile de receitas de superação de vida. Fosse assim, correria o risco de se tornar apenas um volume instrucional, e não um habilidoso costurar de situações narradas ora com humor, ora com emoção – o que, efetivamente, é.

Boa leitura!



INTRODUÇÃO

Me lembro como se fosse hoje. Ou melhor, como se fosse em 2010: eu e meu amigo de infância, Anderson, conversando sobre como os cegos identificam as coisas enquanto caminhávamos pelas tumultuadas calçadas do Rio. “Eu sei que é uma farmácia pelo cheiro”, ele contou. E aí me veio a vontade: Por que não contar tais experiências pro mundo?

A aventura literária chamada *Histórias de cego*, que começou em 2010, teve apenas seis meses de duração. Foi, no entanto, um período bastante interessante, em que o espaço, então uma coluna no site da ONG Urece Esporte e Cultura (da qual fui um dos fundadores), ganhou audiência e uma repercussão que nem eu mesmo imaginei. Até matéria na TV Brasil na época nós viramos. Contudo, por diversos motivos que transcendem a minha deficiência, eu não fui mais capaz de atualizar a coluna conforme gostaria. Assim, quando o nosso antigo servidor saiu de vez do ar, eu perdi todas as histórias publicadas e, principalmente, os comentários e participações dos leitores, mas a verdade é que a coluna já tinha morrido há muito tempo.

Todavia sempre existe uma luz no fim do túnel... mesmo para quem é cego quase de nascença, como eu. Ao longo desse

tempo sem o *Histórias de cego*, eu sabia que um dia o projeto iria voltar (ele tinha que voltar), e chegou o momento de relançá-lo. O formato escolhido foi ligeiramente diferente: um blogue.

Foi assim que, entre 2013 e 2017, já com endereço próprio e um imenso apoio de muita gente, o *Histórias de cego* ganhou personalidade e mais de 80 crônicas, além de se expandir para o Facebook, YouTube e Twitter. O número de palestras, treinamentos e consultorias se multiplicou, e com eles eu podia pagar minhas contas de luz (sim, cegos também pagam conta de luz). Como eu estava sem emprego desde que o meu contrato com o Rio 2016 acabou, dependia muito do blogue para que as empresas me conhecessem e me contratassem.

Até que, em junho de 2017, outro probleminha no servidor culminou com a perda de todo o conteúdo do blogue. O *Histórias de cego* não é um gato, mas já gastou duas de suas vidas. Foi triste perder tudo pela segunda vez: comentários, postagens, links, vídeos... Foi desalentador; no momento em que eu mais precisava, já não existia blogue. Voltei à estaca zero.

Mas a vida continua e, mesmo sem chão, vamos seguindo em frente. Os textos em si ficaram salvos e agora – no tempo certo – são relançados em formato de livro, homenageando muitos leitores que não se cansaram de pedir uma edição impressa nos comentários do finado blogue. Bem, é assim que começa esta nova fase do *Histórias de cego*.

O objetivo primordial desta edição e dos relatos contidos em *Histórias de cego* é aproximar os leitores do cotidiano das pessoas com deficiência visual. Sem ser ranzinza, e mantendo o foco na acessibilidade e autonomia, quero dar um peso menor à deficiência, trazendo à tona os aspectos menos conhecidos

da vida de uma pessoa cega que tem de se virar sem enxergar em um mundo tão visual. Dificuldades e soluções, superação de obstáculos, uso de tecnologia, preconceitos, protagonismo e, sobretudo, muitas histórias ocupam as páginas deste livro, que com o leitor compartilho.

O *Histórias de cego* também existe nas redes sociais, com o canal do YouTube que tem 180 mil inscritos e mais de 4,4 milhões de visualizações, além de perfis no Facebook e no Instagram. Todas as frentes comunicativas contribuem para o conhecimento.

Para saber mais, acesse:

YouTube: <https://www.youtube.com/historiasdecego>

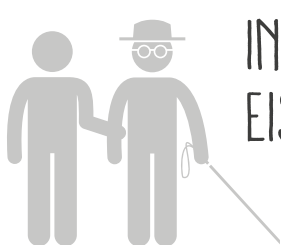
Instagram: @historiasdecego

Facebook: <https://www.facebook.com/historiasdecego>

SUMÁRIO

Incluir ou não incluir, eis a questão	15
Cego por bola.....	21
Não enxergamos (os) obstáculos.....	26
Entre quatro portas	30
O nosso 7 de setembro de cada dia.....	33
Como os cegos enxergam o mundo.....	36
Família! Família!	41
As definições de cego foram atualizadas.....	46
À esquerda, o abismo	50
Os álbuns fotográficos dos cegos	55
Fogo amigo.....	61
Por que não enxergamos obstáculos?	68
Em busca do conde cego de Luxemburgo.....	74
A cura.....	80
Emozzjoni, a vitória da derrota.....	85

Eu não quero a visão, quero a visualização.....	95
O poder do esporte paralímpico	100
O dia em que caminhei em duas rodas.....	105
Troca de olhar.....	111
Pela porta da frente.....	117
Afinal, a final.....	122
Nem branco nem azul... era preto mesmo!	130
As dez melhores coisas de ser cego	134
Paratexto	139



INCLUIR OU NÃO INCLUIR, EIS A QUESTÃO

Muitas pessoas já me perguntaram o que eu acho da ideia de as escolas regulares atenderem às pessoas com deficiência, restringindo o papel das escolas especiais.

Para mim é difícil falar de todos os tipos de deficiência, de modo que não vou entrar no mérito da questão de uma maneira mais abrangente. Como o nosso papo aqui é deficiência visual, vou dar a minha opinião sobre o assunto no que tange a este segmento específico. Deixo claro que não sou pedagogo, nunca estudei essa questão pelo viés das teorias de educadores; eu quero simplesmente compartilhar alguns pensamentos fruto de toda a minha experiência como pessoa e cidadão com deficiência visual.

Antes de tudo, vale explicar a minha história, resumidamente. Nasci com glaucoma congênito, detectado quando eu tinha alguns meses de idade. Não obstante todo o esforço da minha família e as dezesseis cirurgias realizadas, com 6 anos eu perdi completamente a visão. Nesta época, já estudava no Instituto Benjamin Constant (RJ), escola especial e tradicional voltada para o ensino de alunos cegos e com baixa visão. Ali permaneci até os meus 16 anos, quando completei a oitava série. Depois, prestei concurso para o Colégio Pedro II,

onde estudei os três anos do ensino médio (ou segundo grau), até que, passando no vestibular de jornalismo, ingressei na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Tudo isso para dizer que eu sou um grande entusiasta e, mais do que isso, um produto da escola especial. Para mim, ela foi fundamental no meu crescimento como pessoa e como profissional. Conviver com amigos que tinham deficiência visual me ensinou muito. Se eles podiam amarrar o tênis sozinho, eu também podia; se eles, moradores inclusive de municípios da Baixada Fluminense – região longínqua ao Instituto –, podiam voltar sozinhos pra casa, eu, que morava a menos de um quilômetro da Instituição, também podia! Se eles podiam jogar bola, por que eu também não podia? E foi assim que, mesmo sem saberem, os meus amigos, colegas e conhecidos do Instituto me ensinaram muita coisa. Ali eu não era o “cego”, mas apenas mais um cego, de quem ninguém passaria a mão na cabeça por conta da deficiência, já que existiam centenas de outros jovens com as mesmas características.

Fico pensando que, se em vez disso eu, desde pequeno, tivesse estudado em uma escola comum, onde eu fosse, talvez, o único aluno com deficiência visual, teria perdido a chance de me desenvolver, pois havia muita identificação entre nós no Instituto Benjamin Constant.

Em uma escola comum, em meio a tantas crianças que enxergam, eu sempre seria o “ceguinho”. E, sem exemplos nos quais me espelhar, talvez hoje eu fosse uma pessoa bem mais limitada.

Se posteriormente na minha vida pude conviver com videntes (não me refiro aqui às Mães Dináh; vidente, na

nossa gíria, quer dizer pessoa que enxerga), sem ser apenas o “ceguinho” do grupo, foi porque, enquanto estava na escola especial, tive as bases e a confiança necessárias para me posicionar na sociedade, com meus defeitos e qualidades, com minhas virtudes e deficiências que, feliz e infelizmente, vão muito além da visual.

Se não fosse essa convivência, eu não teria aprendido a jogar bem futebol (e como seria a minha vida sem uma bola de guizo?) e, sem ingressar no esporte, eu não teria disputado tantos campeonatos e viajado três vezes para fora do Brasil... Exagero? Pensem pois: como eu poderia jogar futebol em igualdade de condições se eu fosse o único cego num raio de 5 km? Sem conhecer outros cegos, como eu poderia saber que se formavam equipes de futebol de cinco jogadores e que se disputavam campeonatos nacionais e internacionais?

Além do mais, se não fosse assim, eu não teria visto e vivido o quanto o esporte muda a vida das pessoas e o quanto a gente pode fazer mais por isso. E, se não fosse tudo isso, hoje seguramente a Urece não existiria, mesmo porque o Anderson, o Gabriel, o Filippe e tantos outros não teriam feito parte da minha história e da história da Urece.

Se não fosse a convivência diária com meus amigos com deficiência visual, eu não teria aprendido que para tudo se dá um jeito e que a maior deficiência é a capacidade de autolimitar-se; e o maior impedimento – longe de ser esses olhos que olham e não veem – é a falta de acessibilidade. Não teria aprendido que se pode colocar uma bola dentro de um saco plástico e jogar futebol guiado pelo barulho que ela produz em contato com o piso, ou, na ausência de uma esférica de verdade, nunca teria pensado que basta uma garrafinha

plástica qualquer cheia de pedrinhas para garantir a diversão de uma tarde inteira.

Se não fosse a convivência com meus amigos cegos e deficientes visuais, eu provavelmente teria me limitado a fazer o que as pessoas achavam que um cego pode fazer.

“Eu não ando sozinho porque sou cego, os outros andam porque eles enxergam.” “Eu não posso tirar notas boas porque eu não enxergo e então é difícil pra mim aprender matemática; os outros enxergam e então eles vão bem.” Isso para não falar em toda a estrutura pedagógica que eu tive no Instituto Benjamin Constant: professores preparados para ensinar pessoas com a minha deficiência; turmas bem menores que permitiam aos mestres criar um atendimento quase personalizado em muitos momentos, com livros e apostilas em braile; uma biblioteca com centenas de títulos em braile ou em áudio... ou seja, embora estejamos apenas em um exercício de adivinhação, provavelmente eu não seria o que eu sou hoje.

Mas um dia chega a hora de voar! E esse momento chegou para mim justamente ao final do primeiro grau. Ok, já tinha vivido e crescido com meus amigos que também têm deficiência visual, já tinha apreendido os limites e principalmente as potencialidades da minha deficiência, de modo que chegara o tempo de quebrar os elos com o “mundinho feito para mim” e me inserir na vida real. Porque o mundo não é feito de colegas e professores que têm a mesma deficiência que você, livros em braile, materiais adaptados... Pelo contrário, essa é apenas uma pequenina exceção. O mundo real é construído por uma maciça parede de preconceito, de injustiça, de falta de acessibilidade, de exclusão, mas tampouco adianta esconder-se num quarto escuro e esperar que ninguém te encontre, porque

é nesse mundo cão que você vive. Então, é preciso buscar o seu lugar nele, por mais confortável que seja continuar agarrado à maternal estrutura (colégio e família), na qual tudo é feito para atender às suas necessidades.

Pois bem, aos 16 anos entrei em uma escola regular, cercado pela 1ª vez de colegas que – não apenas não tinham deficiência, como também – nunca conviveram com um cego na vida (que dirá dois, pois éramos eu e meu amigo Filippe, encolhidos no primeiro dia de aula, querendo saber que bicho ia dar). Foi aí que eu comecei a aprender que existe muito mais no mundo e em mim mesmo.

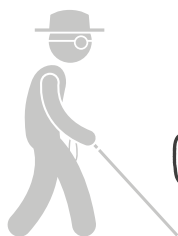
Não tardei a descobrir na prática que sou muito mais que um cego, que podia sair na mão com meus amigos apenas por brincadeira e ganhar ou perder como qualquer outro... Aprendi que por mais difícil que fosse a matemática ou a física, sempre se podia dar um jeitinho para entender um gráfico, porque se eu tinha sido capaz de fazer antes ao lado de meus companheiros de turma que tinham deficiência visual, por que eu não conseguiria agora também? Aprendi que existem coisas socialmente aceitas e que outras não o são e que, ao contrário de você, as outras pessoas enxergam e aquele dedinho no nariz não ia passar despercebido. Enfim, por tudo isso, esses anos de base, mudança, enfrentamento, foram fundamentais para o meu crescimento como pessoa e como profissional.

“Ué, eu já li isso antes”, você deve estar pensando. E já leu mesmo, no início do texto, referindo-se exatamente à escola especial. E isso resume bem o que eu penso sobre o assunto: há hora pra tudo. Escola especial é fundamental para você crescer com outras pessoas que têm a mesma deficiência e aprender, com elas, a exigir-se ao máximo para se tornar o mais

independente e autônomo possível, sem usar a deficiência como escudo ou desculpa porque você é exatamente como seus colegas. E, para além disso, existe também o momento de entrar no mundo real, em que nem sempre terão compaixão ou compreensão com você ou com a sua deficiência, pois, na verdade, é nesse mundo que nós vivemos, com suas injustiças e idiossincrasias, mas só é possível mudá-lo estando dentro dele.

Este é, portanto, apenas um relato das minhas experiências.

Não digo aqui que pessoas cegas que estudaram a vida inteira em escolas regulares não podem ser grandes profissionais e, sem dúvida, existem aquelas que são muito mais avançadas e desenvolvidas que eu. O que eu quero dizer com esse relato é que, certamente, ter convivido com colegas cegos e com colegas sem deficiência foi importante demais para minha formação enquanto pessoa, um atalho que só me dou conta da importância agora que olho para trás (e não enxergo traumas, mas sim um lugar aprazível na imagem formada do meu destino).



CEGO POR BOLA

- Toma aê?
– Vai!
– Toma mesmo?
– Vai!
– Então lá vai...

Gritos como este, com essas exatas palavras, ecoaram por toda a minha infância no pátio interno do Instituto Benjamin Constant, escola para alunos cegos e com deficiência visual em que estudei durante todo o primeiro grau. Localizado num dos cantinhos da ampla área do colégio, o gol a gol era o nosso campinho de pelada. E espero que ainda continue sendo nessa geração dos jogos virtuais.

O comprido e estreito espaço, apertado entre uma parede com janelas e um gramado, com as quatro pilastras laterais sendo aproveitadas como trave e como demarcação para as penalidades do jogo, servia bem ao gol a gol, um dos centros pulsantes das crianças cegas que, como eu, descobriam que apesar de tudo, era possível jogar futebol. Recentemente, estava discutindo o tamanho do nosso campo improvisado com meu amigo Anderson e nos surpreendemos ao constatar

que ele não tinha mais que 10 ou 15 metros de extensão (e aquilo parecia um mundo quando éramos pequenos!).

Antes de eu conhecer a bola de guizo ou mesmo de sonhar que existia uma modalidade chamada futebol para cegos, meus anseios de jogador se realizavam naquele exíguo corredor.

Esporte e campo tinham o mesmo nome: gol a gol. O gol a gol, com suas regras desenvolvidas e aperfeiçoadas ao longo de gerações de alunos cegos, era disputado sem que os times tivessem contato entre si. Confinadas a seu campo, as equipes, que em geral tinham no máximo três jogadores, se revezavam para chutar a bola, objetivando fazê-la passar no vão de pouco mais de um metro entre a pilastra e a parede do campo adversário, onde os defensores, sem permissão de ir além do bico da janela, se aglomeravam para tentar impedir a finalização certa. Como o gol tinha uma altura de mais ou menos uns cinco metros, se não mais, um chute que pegasse altura suficiente era quase sempre convertido em gol. Assim, nas partidas mais disputadas, os jogadores faziam uma defesa conhecida como torre, com os mais leves subindo no ombro dos mais fortes. Não era raro a torre ter três pavimentos.

Os chutes eram dados, impreterivelmente, de um ponto no chão logo abaixo da última pontinha do parapeito da janela, que também demarcava o limite máximo em que um jogador podia defender. E era antes de cada chute que se ouvia o ritual do “toma aê”, descrito no início do texto. Um disparo não precedido pela famosa pergunta e o infrator tinha um pênalti marcado contra si. Pênalti era o pior pesadelo do gol a gol, permitia ao adversário a chance de dar o seu chute da pilastra mais próxima à sua meta de ataque, a uns dois ou três metros da linha do gol, que nesse caso contava com apenas um único

goleiro, o atleta que infringira a regra. Penalidades do tipo também eram assinaladas e aceitas pelas equipes quando, por exemplo, a rigorosa ordem dos chutes era quebrada – um jogador só podia fazer uma nova tentativa de chute quando todos os demais da equipe já tivessem chutado.

Havia também as infrações conhecidas como comum e perigosa. Nessas ocasiões, os chutes dos adversários podiam ser feitos de distâncias menores, sempre proporcionais à infração cometida.

Mas o aspecto mais curioso do gol a gol era sem dúvida a bola. Bola, no caso, é uma maneira de dizer porque nem sempre tínhamos bola. Na verdade, nos primeiros anos, o mais comum era jogarmos com uma lança – nome que demos a uma engenhosa porém simples invenção: preenchíamos uma garrafa de refrigerante ou de desodorante (muito embora variantes fossem aceitas sem problemas no desespero) com pedrinhas do tipo brita, que durante o deslocamento da bola improvisada faziam o barulho necessário para que a localizássemos no campo.

O essencial era que o recipiente tivesse uma tampa para que a lança não acabasse fazendo jus ao nome e fosse despejando pedras em seu caminho rumo ao gol adversário.

Claro que receber uma garrafada na cabeça não era lá muito agradável, mas sinceramente devo dizer que nunca presenciei nenhum acidente.

Mais tarde, com as bolas tipo dente de leite, o processo de barulhização era um pouco mais simples. Dependíamos unicamente de uma sacola plástica, dessas de supermercado, dentro da qual acondicionávamos a bola, dando posteriormente um nó para manter a pelota ali dentro. O farfalhar do plástico

era o que produzia o som. Claro está que, sendo chutado de um lado para o outro, o saco plástico não tinha uma duração maior que a de alguns minutos. Como em geral não tínhamos uma grande reserva de sacolas à nossa disposição, era muito comum termos que interromper emocionantes disputas para praticar verdadeiras cirurgias nas sacolas, que eram reconstituídas por meio de nós, dados com as pontas soltas em cada rasgão que se abria. Havia, entre nós, verdadeiros *cirurgiões*, especialistas em dar sobrevida a trapos que um dia haviam sido sacolas e, por conseguinte, aos nossos jogos.

No entanto, na maior parte das vezes, eles – os especialistas em nós – pouco podiam fazer. Era aí que, não tendo uma sacola substituta, iniciávamos uma peregrinação pelo colégio, em busca de uma boa alma que nos fornecesse o combustível para reaquecer as nossas intermináveis peladas. Os sacos de lixo, que por sua natureza não produzem muito ruído, eram aceitos com relutância e apenas em último caso. Preferíamos mesmo as sacolas de supermercado. Não raro, todavia, ficávamos sem jogar por falta de sacos. E então, haja tédio! Chegamos a criar a obrigatoriedade de uma doação semanal de sacolas plásticas a todos que quisessem participar.

Enquanto estive no Benjamin Constant, vi o surgimento de outras modalidades como o monzebol (uma espécie de gol a gol com as mãos, em que a bola tinha que quicar na trajetória) e o cegovôlei (disputado em duplas, a bola só podia quicar uma vez no chão da quadra adversária). Tenho o orgulho de dizer, aliás, que fui um dos criadores deste voleibol cegueta, dinâmico e muito lúdico.

Nunca mais vou esquecer do dia em que eu e o Filipe estávamos envolvidos numa disputa acirrada tendo contra

nós toda a torcida – de umas vinte pessoas. Justamente por termos sido os inventores daquela modalidade, nos queriam ver destronados.

Mas estas e outras práticas eram como modas passageiras, tendo uma existência fugaz em um mundo dominado pelo gol a gol. O gol a gol era tão importante que o Grêmio Estudantil organizava campeonatos oficiais disputadíssimos, discriminando as semanas de duração, e até prêmios ao artilheiro.

Desse modo, não exagero em dizer que o gol a gol foi o início de minha carreira no futebol de cegos, algo como minha categoria de base. Foi naquele estreito corredor que aprendi a chutar e a defender, foi ali que aprendi a lidar com a pressão da torcida, foi ali que, sobretudo, aprendi a ganhar e a perder. O jogo criava desempenho motivado espontâneo, ânimo e realização, desenvolvia paciência, aceitação e trabalho em equipe. E então senti, bem de pertinho, o gosto de ser um futebolista. Cego sim, e daí? Cego por bola, eu diria!



As ruas do Rio de Janeiro (e falo do Rio porque sou daqui, embora tenha certeza que na maioria das cidades brasileiras é assim) são verdadeiras pistas de obstáculos.

Se para o cidadão comum às vezes é difícil caminhar (que digam os mais idosos ou aqueles com carrinhos de bebê), imagina as pessoas com deficiência – cadeirantes que não acessam sozinhos quase que lugar nenhum e nós que não enxergamos. Carros mal estacionados, buracos nas calçadas, orelhões, mesinhas de restaurante, postes, calçadas levantadas por conta de raízes de árvore ou saídas de garagem, hidrantes, barraquinhas diversas e até pontos de ônibus são só alguns exemplos de objetos que, cedo ou tarde, acabarão cruzando o caminho de um cego. E quando digo cruzar o caminho, por favor entendam da maneira mais dolorida possível.

Mas o pior é que isso normalmente acontece quando você precisa ir a uma entrevista de emprego, a uma reunião importante ou encontrar a garota dos seus sonhos... Ou seja, sempre que um galo na testa, um inchaço na canela ou além são completamente indesejáveis.

É como se você, amigo leitor, estivesse caminhando com aquela calça branquinha e, de repente, viesse um carro, passa

por cima de uma poça e plaft! Olha a cena: você imundo e encharcado a um só tempo! Só que, para os entraves aos quais me refiro nesse texto, nem é preciso ter chovido recentemente. Além do que, pensando bem, acho que nós cegos estamos ainda mais vulneráveis que vocês aos banhos involuntários de cada pós-tempestade. Ao menos vocês têm a opção de correr quando detectam poças muito grandes na rua junto a si; não que isso garanta um salvo conduto, eu sei, mas é que nem isso os cegos podem, porque, ainda que fôssemos capazes de detectar tais acúmulos aquosos, sair correndo para evitá-los traria males ainda maiores que um banho de lama.

Segundo a Associação Internacional dos Cegos Acidentados (na sigla "Ai que dor!"), os obstáculos são classificados de acordo com a parte do corpo mais atingida em um confronto direto. E podem ter certeza que sobra para pé, canela, joelho, cabeça etc. Os orelhões, rechonchudos e amplos em cima e fininhos embaixo, representam uma ameaça até injusta de tão maquiavélicos. Como eles são sustentados por finas hastes, é bem difícil que a nossa bengala as toque antes que a cabeça já tenha golpeado a parte de cima desses criminosos aparatos. Duvido muito que exista algum cego que nunca tenha dado de cara num telefone público. E pensar que antigamente, quando os orelhões eram realmente úteis e utilizados, o cego além de dar com a cara no obstáculo ainda atropelava, de forma até pouco digna, a pessoa que estivesse ali parada, de costas, tranquilamente ao telefone.

Existem também – e vale mencionar – umas coisinhas de ferro ou de cimento, que resistem na paisagem urbana; acho que o nome bonito é fradinho. Tais barreiras físicas servem para os carros não estacionarem nas calçadas. As

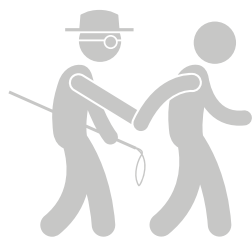
menorzinhas, do tipo chamado gelo baiano, são um convite aos tropeções, enquanto as mais altinhas e finas, embora igualmente maciças, por vezes escapam ao esquadrinhaento de nossas bengalas, mas em geral as nossas canelas não têm a mesma sorte. Elas são tão perigosas que às vezes eu sinto falta dos próprios carros... Pelo menos eles são grandes (ou seja, perceptíveis pela bengala ou pela diferença auditiva) e são feitos de materiais cujo choque, ainda que dolorido, não deixa tantas marcas. De modo que esses pequenos aparatos urbanos, concebidos para compensar a falta de educação dos muitos que vão largando os veículos em qualquer canto, são apelidados por nós de anticegos. Nessa linha, os hidrantes (e seus primos pirulitos), que são um pouco mais altos porém tão de ferro quanto os fradinhos, são carinhosamente chamados de capa cegos, e a razão vocês podem imaginar.

Por tudo isso (e acredite, por muito mais), muitas vezes em nossas vidas, todo cego que se preze traz consigo uma coleção de hematomas, que são sempre substituídos, mas quase nunca eliminados. Todos os desprovidos da visão dos olhos que já andaram sozinhos pelas ruas e calçadas já deram um chute, uma canelada, uma joelhada ou uma cabeçada em alguma dessas parafernálias urbanas. E eu, de verdade, não sei decidir o que é pior, se a dor da pancada ou a comoção popular que se forma em redor do *pobre ceguinho* que acabou de se estrear.

Assim, se nós, pessoas e atletas com deficiência visual, corajosamente não enxergamos obstáculos – porque vencemos os limites, transformamos o impossível a cegos em algo ultrapassado –, é preciso que a sociedade note que nós também não enxergamos os obstáculos, esses todos aí,

que estão espalhados por milhares de calçadas brasileiras.
Portanto, por favor, tirem-os daí ou tirem-nos daqui!

As nossas canelas agradecem. E o resto do corpo também.



ENTRE QUATRO PORTAS

Um dos ambientes em que mais me sinto desconfortável e vulnerável é dentro de um táxi, principalmente quando sou o único passageiro. E isso não é só porque já tenham me levado nota de R\$50 a dizerem que era de R\$5, ou porque já tenham me cobrado 90 reais numa corrida que dava 50 (e você vai discutir!), ou ainda porque já tenham me deixado diversas vezes em lugar errado... O desconforto é mesmo pelo conceito do transporte, uma vez que você fica dentro de um carro particular, a ser conduzido por alguém que você nunca viu antes. E, para piorar, muitos taxistas infelizmente te tratam como se estivessem a fazer-te um favor – isso se torna um problema não apenas para os cegos, mas para boa parte dos passageiros.

Também me sinto à mercê do cidadão (motorista), sem poder ver para onde estou indo, que curvas são essas ou se ele não está dando uma voltinha a mais só para me tirar alguns centavos.

Claro, existem as muitas exceções, como aquele taxista que um dia não quis cobrar a corrida porque se sentia honrado de ter me levado em seu carro (não porque eu fosse famoso, mas porque eu era cego mesmo). Mas fato é que os anos se passam e eu me sinto vulnerável em táxis urbanos.

Um carma que me persegue, parecendo botar-me sempre à prova é o de muitos taxistas com quem ando simplesmente não saberem como chegar aonde eu quero. E estou falando de caminhos simples como pegar o Aterro do Flamengo ou chegar à Tijuca! Por mais estranho que possa parecer, lá estou eu, tragicomicamente, guiando o atarantado motorista – “quando você vir aquele posto de gasolina, vire à esquerda” e “agora, pega à direita que é a próxima”. Sinceramente, fico pensando quem de nós dois está dando o maior voto de confiança: se o motorista a ser guiado por um cego ou se eu a ser transportado por alguém que não faz a mínima ideia de onde está indo. Mas alguns abusam da minha boa vontade: “é naquele prédio com grades verdes?”

Não obstante a minha aversão aos táxis faz com que em geral eu prefira ônibus e metrô, simplesmente porque eles têm um caminho fixo e invariável.

Foi num dos Amarelinhos do Rio que aconteceu uma das histórias que mais faz sucesso entre minhas audiências. Transportemo-nos para o mês de novembro de 2010, quando a cidade do Rio de Janeiro passava por um de seus momentos recentes mais delicados: carros e ônibus queimados para tudo quanto é lado, arrastões, medo, terror, gente saindo mais cedo do trabalho... E então polícia e militares decidem invadir o Complexo do Alemão.

Claro que com a cidade naquele estado não havia mesmo condição de pegar ônibus (imagina se decidem botar fogo no veículo e eu lá dentro, sem atinar com a saída, algo quase pior do que cego perdido em tiroteio). Então, chamei o táxi. Este taxista, no entanto, era dos mais simpáticos, daqueles que

acreditam no poder de dois dedos de prosa para o trânsito fluir mais rápido.

– Semana passada levei um amigo seu – ele foi dizendo logo que eu entrei no carro.

– Amigo meu, é? – perguntei espantado – Mas o senhor me conhece?

– Era amigo seu, tenho certeza.

– Mas pra onde o senhor o levou? – perguntei, tentando ganhar tempo.

– Lá pra Niterói – ele mencionou uma rua que eu nunca tinha ouvido falar.

– Ah... Mas eu não tenho nenhum amigo em Niterói!

– Sei lá, mas não enxergava, igual a você – ele sentenciou.

Nesse momento, as notícias da iminente invasão ao Alemão levaram nossa atenção ao rádio. Não sei que bandido havia se entregado... Foi a minha deixa:

– Esses seus amigos...

– E eu lá tenho amigo bandido? – respondeu o taxista de maneira brusca.

– Sei lá, mas enxerga!

O cara era boa praça, riu e ainda por cima me deixou no lugar certinho, me cobrando o preço justo pela corrida. Até que esse povo que enxerga às vezes é bem gente boa!



O NOSSO 7 DE SETEMBRO DE CADA DIA

Me deram dois pregadores bem grandes – nunca tinha visto daquele tamanho.

No entanto, mais estranho do que os pregadores em si era o que eu deveria fazer com eles: criar uma história. Eu estava em Washington, pela segunda vez. Tudo começara no ano anterior, quando eu fui um dos 17 aprovados, dentre mais de cem inscritos, para participar do Global Sport Mentoring Program (GSMP), programa organizado pela Universidade do Tennessee com apoio do Departamento de Estado dos Estados Unidos.

Essa foi uma experiência que mudou a minha vida. Foram 35 dias em que eu era o único brasileiro entre colegas de outros 16 países, todos trabalhando em algum projeto relacionado à pessoas com deficiência. O programa englobava cinco semanas. A primeira semana passamos ali mesmo, em Washington, conhecendo os colegas, participando de atividades e até mesmo visitando pontos turísticos da capital americana.

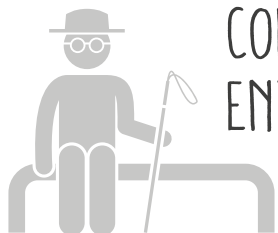
Eu estava empenhado, tentando me adaptar a uma língua diferente, a estar sozinho em um país desconhecido, tarefas que foram bastante complexas ainda que eu tenha podido sempre contar com o apoio do excelente corpo de professores e dos demais participantes.

As três semanas seguintes foram em Nova Iorque, onde fiz um estágio em uma empresa de comunicação esportiva, desenvolvendo o projeto que apresentei na última semana do GSMP.

Reunidos todos na Universidade do Tennessee (na cidade de Knoxville), apresentamos nossos projetos individualmente. Como o meu foi escolhido o melhor, recebi o convite para, um ano depois, voltar ao GSMP, mas agora na condição de ex-aluno, para dar uma palestra à nova turma. E por isso eu estava ali, de volta a Washington, sentado em uma roda, com aqueles pregadores na mão, diante de companheiros que eu acabara de conhecer, tendo que contar uma história em meu inglês ainda enferrujado (por sorte, minha palestra seria apenas daí a dois dias e então eu teria tempo de pegar no tranco).

Mas, naquele exato momento, eu não tinha mais nenhum tempo. Chegara a minha vez. Estavam todos esperando que eu contasse uma história a partir daqueles pregadores gigantes. Falei então de um menino que tinha uma deficiência. Quando ele era adolescente, sua mãe não deixava ele sair de casa sozinho, nem ao menos ir à escola sem que tivesse alguém para acompanhá-lo. Ele concordava, tinha medo de enfrentar o mundo, de se ver sozinho, de ter que pedir ajuda a desconhecidos. E assim ia adiando o dia de sua independência... Um pregador preso no outro, ele segurando na mão da mãe, sem coragem de enfrentar o mundo. O tempo passou e agora aquele menino estava ali, diante de tantas pessoas que ele acabara de conhecer, pela segunda vez viajando sozinho a um país estrangeiro, tendo que lidar com ajudas e esquecimentos em aeroportos, alfândegas, filas de imigração. Aquele menino era eu! E o simples estar ali já significava muito para mim.

Sim, eu proclamara a minha independência. Finalmente, todos os cegos precisam do seu 7 de setembro, do grito de independência, do momento em que passarão a tomar conta de suas vidas. O meu veio tarde, mas veio. Claro que é mais confortável andar com alguém e não há problema nenhum nisso; o impasse é quando você passa a depender de alguém para ir onde se quer ir. E ali, com aqueles dois pregadores e diante de pessoas de quatro continentes, eu entendi que por vezes a vitória é simplesmente você chegar aonde quer chegar – superando seus obstáculos internos, seus dilemas.



COMO OS CEGOS ENXERGAM O MUNDO

Acho que todo cego já ouviu alguém dizer: “Deus tira uma coisa, mas sempre dá outra” – a versão deficiente visual do famoso “Deus quando fecha uma porta sempre abre uma janela”, em referência ao fato de, em geral, apresentarmos os outros quatro sentidos mais aguçados quando comparados às pessoas ditas normais (ou videntes, que é como nos referimos a quem enxerga).

Religiosidades à parte, o que acontece é que naturalmente audição, tato, olfato e paladar ganham um papel mais destacado em nossa percepção e, por isso, têm a necessidade de se desenvolver mais. Não é algo automático, do tipo “abracadabra, faz-se uma audição mais aguçada!”, mas é que nós cegos, como não vemos, somos forçados a prestar mais atenção nos sentidos que funcionam. E não é nada daquilo de que “cego enxerga com os olhos do coração”... A gente não enxerga com olho nenhum mesmo, mas tenta compensar com os outros sentidos. Ou seja, vamos fazendo o que dá, buscando sobreviver nesse mundo tão visual.

Já vi estatísticas que dão conta de que até 85% de toda a informação recebida por um indivíduo vem por estímulos

visuais. Conforme esse estudo, todos os dias já começamos 85% atrás de vocês.

Claro está que mesmo a combinação de audição e tato acuradíssimos não substitui 100% a visão (e nem chega perto disso). Todavia, são muitos os exemplos que posso dar de coisas que vocês veem com os olhos e que a gente também vê, mas utilizando outros sentidos.

Mesmo vocês, videntes, se cobrirem os olhos vão perceber, em alguns segundos, que os outros sentidos, principalmente a audição, parecem muito mais vivos e presentes. Eles sempre estiveram ali, mas você, todo pimpão por enxergar tudo à sua frente, nunca deu muita bola para eles. Contudo, se privados da visão, a tendência (e única solução) é a compensação utilizando outros meios. No caso de vocês, a audição se aguça, mas para que o tato chegue a captar o mesmo que o meu capta... Ah, amigos! Para isso, vocês necessitarão de anos de cabeçadas nos postes da vida.

Todos os videntes que conheço não tiveram muitas dificuldades para aprender o braile quando empenharam esforço e algum tempo nessa tarefa. No entanto, todos leem os pontos que formam as letras com o olho, justamente porque seus dedos não foram suficientemente estimulados a ponto de serem capazes de distinguir nuances tão sutis como as combinações diferentes dos pontos em relevo. Isso significa que, ler com o dedo, é, em geral, somente para nós, cegos. O braile para vocês é com o olho e olhe lá!

Enfim, tudo isso pra dizer que não é só ficar cego que de repente o mundo mágico dos outros quatro sentidos se descortina numa miríade de sensações únicas. É tudo mesmo uma questão de vivência, de você saber dar valor ao que eles

querem te dizer ou mostrar, algo que, longe de ser instantâneo, é um processo que vai se aperfeiçoando mais e mais, na medida em que você vai aprendendo a interpretar esses sinais. Nesse sentido (olha eles aí, até na gramática!), se não podemos ver a cara de tristeza de alguém, o simples soar de um “bom dia” já nos fornece um quadro de como aquela pessoa está. Se eu não posso ver uma parede enquanto caminho, os meus ouvidos reconhecem a diferença sonora e identificam, mais ou menos como faz um morcego, que há algo grande por ali e que deve ser evitado. Se eu não posso ver uma paisagem, as maquetes táteis ou as miniaturas dão uma ideia em escala de como é a cena. Não dizem que uma imagem vale mais que mil palavras? Pois bem, isso se aplica também no nosso caso, que vemos com os dedos.

Essa semana mesmo uma amiga arquiteta, que queria minha opinião a respeito da acessibilidade para deficientes visuais em um determinado espaço, me fez uma primorosa descrição do local em questão. O problema é que tem coisas que só vendo mesmo para entender. Assim como teria sido impossível para ela entender a planta sem botar os olhos sobre o desenho, para mim é impossível compreendê-la sem botar meus dedos.

Muito embora a audição seja claramente o nosso principal sentido, não podemos minorar o valor do tato. Afinal de contas, é com o dedo que temos o primeiro contato com as palavras quando aprendemos a ler, com os alimentos quando somos pequenos, com as formas dos objetos, com os animais que de outro modo não conheceríamos...

E como tudo isso é importante! Quando éramos crianças, um amigo meu, muito mais esperto e versado que eu, um dia

perguntou a um outro amigo nosso, que na época enxergava um pouquinho: “Mas um boi é grande quanto? Como um ônibus?”. Ele perguntou assim porque, tendo perdido a visão muito cedo, utilizava as referências do seu cotidiano para tentar determinar qual era o tamanho de algo bastante conhecido, mas por ele nunca tocado. Perspectiva complexa... pois, vamos ser sinceros: não é muito fácil tocar num boi... vai convencer o bichinho a ficar parado para que o cego possa apalpá-lo: Muuuuuuu!

Assim, se utilizamos a audição para nos orientar, é com o tato que enxergamos. Pena que esse sentido sofra tanto preconceito! Quer um exemplo? É só olhar para as várias e várias maquetes, aprisionadas como pássaros tristes atrás de redomas de vidro ou acrílico em museus ou em parques de miniaturas, totalmente fora de alcance para os nossos ávidos dedos, sedentos de conhecimento e informação.

Quando eu esquiei, um novo elemento veio interpor-se nessa relação: a luva. Costumo dizer que quando um cego bota uma luva, fica igual a uma pessoa que enxerga ao tirar seus óculos. Porque é com as mãos que a gente sente o ambiente ao nosso redor. Tocar as coisas é ainda parte fundamental do processo de apreender o mundo. Embora luvas não impeçam completamente o toque, elas como que põem o objeto tocado em uma espécie de névoa, uma vez que retiram a nossa sensibilidade para os detalhes, exatamente como uma pessoa que precisa de óculos mas não os está utilizando.

Até por isso que acabei de mencionar/dizer, eu tenho uma frescura: detesto segurar coisas por longo tempo. Não é que eu odeie levar objetos, mas sim segurá-los inutilmente, quando há a possibilidade de colocá-los sobre uma mesa ou